

RESENHA

MAIA, Eleonora Mota (1985) *No Reino da Fala: A Linguagem e seus sons*. Pp. 120, 19 figuras, São Paulo: Editora Ática, Série Fundamentos.

Resenhado por: Yonne Leite
(Museu Nacional)

Ao se empreender essa viagem ao mundo encantado da linguagem em que se tem o próprio leitor transformado em guia é necessário que o viajante se muna de curiosidade, intuição e que deixe falar um espírito ávido de descobrir coisas novas e, sobretudo, de duvidar.

Eleonora Mota Maia não nos oferece apenas um pequeno e tradicional manual introdutório e construído para um público iniciante nos domínios da fonética e da fonologia, como o subtítulo *A linguagem e seus sons* poderia sugerir, mas, sim, serve-se da fala para através de indagações sucessivas sobre sua constituição mostrar o que é o raciocínio e o modo de argumentação não só da ciência da linguagem, mas que são próprios ao método científico.

Usando o recurso de diálogo entre dois amigos - em que cada um espõsa posições diversas - mostra o que é construir uma prova científica, os caminhos básicos de uma argumentação, e assim se aprende o que é o behaviorismo e racionalismo, reducionismo fisicalista e mentalismo, formalismo e funcionalismo, ideologia e ciência. São pinceladas em cores vivas que se entremeiam nos diálogos e se estendem na bibliografia suplementar (roteiros bibliográficos) que encerra cada capítulo.

Mas não se engane você, leitor-autor, com a didática e com a simplicidade da exposição buscada por Mota Maia. A viagem que você irá empreender é árdua, por mais rica e agradável que seja, pois em nenhum momento

a explanação resvala para o fácil e simplificado, nem tem foros de divulgação científica. Nela você terá de percorrer os intrincados caminhos da segmentabilidade do contínuo sonoro, as qualidades acústicas, perceptivas e articulatórias dos sons, o segmental e o suprasegmental na cadeia sonora, as funções da linguagem, os problemas epistemológicos da relação entre fala e linguagem, o léxico e suas representações subjacentes ligado à ontogênese do desenvolvimento da linguagem. Tudo isso nos é transmitido em doses graduadas, numa linguagem poética, rica em comparações e apelos à sensibilidade e conhecimento implícito do leitor o que poderá causar estranheza àqueles habituados à secura do texto científico. Todas as polêmicas atuais do pensamento científico aí, de um modo ou outro, estão retratadas, assim como os modelos vigentes em lingüística como o estruturalista, o gerativo e o sociolingüístico. Uma pergunta fundamental une as discussões: as relações entre cognição, língua e realidade, pergunta essa formulada de modo inequívoco pela A. "...corresponderiam as categorias científicas a recortes verdadeiros do real? ou refletiriam elas, antes, as próprias articulações da atividade científica?" (p. 70).

O que se estranha é esse tipo de pergunta feito num livro que se esperaria de fonética e fonologia, domínios tradicionalmente avessos e impermeáveis a questões epistemológicas. O que mais agrada é a isenção com que as diferentes posições são tratadas, procurando a A. não permitir que o pêndulo pese mais numa determinada direção: polêmico, mas não dogmático, e nada mais refrescante do que essa posição no momento acadêmico que se atravessa em nosso País em que se está sempre pronto a enveredar pelas discussões estéreis e entrincheiradas justificáveis no País do norte ou, então, apelar para o ecletismo rançoso e vazio.

Aqui não há vencedores ou perdedores; o que se tem é uma discussão aberta das ligações da linguagem com a filosofia, a psicologia, a literatura, o que poderá in-

teressar tanto ao iniciante quanto ao professor de qualquer disciplina, curioso em entender um pouco mais os alicerces da lingüística moderna. Para o foneticista e fonólogo a vantagem está em ver sua disciplina, tão relegada ao ostracismo, inserida nas discussões mais gerais e mais comuns em outros campos como a sintaxe, a semântica ou a pragmática. Não se espere erudição nem uma insípida visão panorâmica, mas sim um esmiuçar dos fenômenos da fala, abordados seguindo uma bibliografia extremamente atual e diversificada, sem esquecer os clássicos indispensáveis para se entender a gênese das grandes linhas do pensamento.

O primeiro capítulo "Descobrimo a fala" desvenda o mundo que se esconde atrás da palavra "linguagem" e indica como um caminho profícuo para se prosseguir na investigação uma visão estrita do fenômeno lingüístico que poderá oferecer "uma infinidade insuspeita de descobertas" (p. 7). Já aqui se detecta a marca que singulariza a abordagem fonética oferecida: a combinação entre uma identidade física e psicológica das enunciações. Assim ao tratar no capítulo seguinte "Explorando intuitivamente os sons do português" em que de maneira segura e simples se deslinda a sempre mal-entendida trílogia som, letra, forma, apelando a A. para o conhecimento bloqueado nas escolas e implícito que qualquer falante tem de sua língua, aprende-se o que é um alfabeto fonético e, mais importante ainda, a relativizá-lo, como se identifica um som, como ele é registrado e como se depreende um fonema. A linha de análise seguida é nitidamente estruturalista bem ao jeito do distribucionismo norte-americano e embora remeta nas leituras subsidiárias aos trabalhos de Mattoso Câmara em nada se aproxima do modelo europeu daquele. Afasta-se nitidamente na análise das vogais nasais como fonêmicas, interpretando a nasalidade, tal como o acento, como fonemas suprasegmentais e na das vogais assilábicas para as quais é postulado um fonema abstrato de silabicidade. Já no capítu

lo 3 "Entre o físico e psicológico" todas as certezas adquiridas didaticamente no capítulo precedente começam a ser postas em dúvida e se mostra que mesmo nesse domínio, o mais palpável e concreto do fenômeno linguístico - o som -, inexistente o perfeito emparelhamento entre o que se ouve e o que é fisicamente, isto é, mostra-se que o entrosamento entre o percebido e o produzido não se faz através de unidades espelhadas uma a uma. A questão de segmentabilidade do contínuo sonoro, as distâncias entre a percepção e a produção servem de preâmbulo a uma posição que contrapõe o reducionismo fisicalista a uma visão relativizadora que privilegia a ótica do observador e que nos mostra que a objetividade total e a apreensão única do real é uma quimera jamais a ser alcançada. Isto nos leva a "Incursoes pelo terreno do físico" (capítulo 4) onde somos introduzidos à Fonética Acústica, à espectrografia e seus fundamentos já assentados, seus instrumentos e modos de pesquisar e deduzir. E são as semelhanças entre as qualidades acústicas de vogais e consoantes, tornadas na fonética articulatória categorias comunicáveis e estanques, que nos levará, no capítulo 5 "Revivendo o velho dilema", às teorias dos sistemas de traços distintivos, tanto de Jakobson, Fant e Halle quanto o de Chomsky e Halle. E aqui volta a pergunta que subjaz a todos os capítulos: seriam as categorias lingüísticas "meros rótulos ditados pela sanha analítica do investigador ou corresponderiam elas a propriedades inerentes ao objeto investigado?" (p.52,53). E com essa indagação entra no capítulo 6 "A fala e a linguagem", em que se aborda o grande tema ausente dos textos que tratam de unidades sônicas: o suprasegmental na cadeia da fala, apresentação essa baseada no que há de mais moderno na teoria fonética - a teoria métrica da proeminência relativa. É uma poética e belíssima homenagem a Jakobson e Waugh no seu já clássico *The sound shape of language*.

É no capítulo 7 "A forma e seu uso" e no capítulo

8 "O teórico e o empírico" que se vai apresentar com clareza a proposta da fonologia gerativa, a do modelo padrão do *The sound pattern of English* de Chomsky e Halle, em suas relações com a constituição do léxico. As mediações entre teoria e observação, a ênfase em que "só a reflexão teórica impõe fronteiras ao real, recorrendo nele aquilo que chamamos fatos" (p.91) leva à questão das evidências ditas substanciais. Aí o apelo aos erros e à aquisição da linguagem para consolidar posições - e o interessante é que essas evidências servem tanto a uma quanto a outra teoria - amplia o domínio da fonologia e faz com que se passe ao social em "O estático e o dinâmico" (capítulo 9), onde o falante ouvinte ideal, a homogeneidade da visão saussureana de *Langue versus parole* e da chomskyana de *competence versus performance* - o sincrônico estático - se opõe à variação e à heterogeneidade do constante *devenir* ao dinamismo incessante da fala, já constado por Herman Paul e retomado por W. Labov.

Se leitor-autor esperava no último capítulo "Olhando para o futuro" um programa de ação com as listas das tarefas prioritárias irá iludir-se. Você se deparará com uma sentida meditação sobre ideologias e práticas políticas subjacentes a qualquer teoria, uma avaliação do impacto das novidades em países menos desenvolvidos, num comovente apelo à independência cultural, apelo esse consciente da necessidade de se acompanhar cada progressão internacional, alicerçando-se no saber independente. Questões político-sociais que a todos nós tocam de perto, tais como a precariedade de nossas instituições ditas democráticas, as deficiências do ensino, a fome de conhecer e a má alimentação que nos é dada, o engodo do falso cientificismo e a facilidade de se cobrar às ciências a solução de problemas que têm raízes econômicas e políticas, são o cenário social pintado pela A. por onde transita o intelectual brasileiro.

Marque-se o apelo do compromisso com o saber. E com

a independência. Fixar-se na fala - ao invés de em temas mais em moda - já foi uma escolha deliberada da A.. Uma escolha madura e consciente tanto do ponto de vista científico quanto político. Escolha de quem já percorreu vários caminhos e trilhou diversificados atalhos. Predileções não as senti de monta. Um *bias* sim. É como se nada ou muito pouco se fizesse do outro lado do Atlântico. O que se percorre são as linhas imperantes na lingüística norte-americana. Exceção é feita na citação Firth e Wittgenstein que servem de inspiração à posição adversária ao modelo chomskyano do capítulo 8. Wittgenstein, porém, por sua influência na pragmática bastante praticada em centros mais avançados nos Estados Unidos já faz parte de uma corrente do pensamento lingüístico norte-americano. Isso, porém, não tira da viagem que empreendemos ao reino da linguagem seu encanto e seu poder instrutivo. Por inserir a fonética e a fonologia no quadro geral das discussões atuais, a A. as redimensiona, retira-lhes o tom tecnicista da popularização entre abstração e concretude, do ordenamento intrínseco e extrínseco das regras e dá-lhes a potencialidade de dialogarem com as outras áreas da lingüística. A que público atende o livro? Tanto ao especialista quanto ao iniciante, e sobretudo ao professor, este tão desvalido de material em português para suas aulas. Só não é possível dele se aproximar aquele que espera encontrar nas ciências certezas estáveis e duradouras. Muna-se de "curiosidade, paixão, razão e imaginação" e faça essa viagem porque ela vale a pena, se, como já dizia o poeta, "a alma não é pequena". Um vocabulário crítico e bem proporcional guiará ainda mais seus passos.